

LISANDRA PARAGUASSÚ (Interina)

e-mail: educacao@cbdata.com.br

EDUCAÇÃO

ENTREVISTA/Júlio Groppa Aquino

"A cola existe porque o aluno não é banco de dados"

O professor Júlio Groppa Aquino — professor de Psicologia da Educação da Universidade de São Paulo e autor de diversos livros sobre o assunto — tem, certamente, idéias que deixariam alguns pais e professores de cabelos arrepiados. A cola, diz ele, é um direito legítimo do aluno. Uma reação ao tipo de ensino que é dado hoje nas escolas brasileiras. "Querem transformar a inteligência do aluno em um banco de dados", afirma. "O trabalho escolar não é isso." A única escola possível não permitiria a cola. Não por proibições, mas porque não haveria como colar. "Reflexão, conhecimento, não se cola." Veja a seguir os principais trechos da entrevista que Aquino deu ao Correio Braziliense.

Correio — Por que a cola é um direito do aluno?

Júlio Groppa Aquino — A existência da cola revela como está sendo processado na cabeça do adolescente, do cliente da escola, o sentido e o valor do trabalho escolar. A cola só existe porque se solicita dele algo que tem a ver com memóriação, a reprodução fiel de uma informação X ou Y. Então a resposta do aluno é legítima para o que está sendo oferecido a ele e que é totalmente anacrônico.

Correio — Que tipo de trabalho a escola faz hoje que leva o aluno a dar esse tipo de resposta, a colar?

Aquino — A escola tende a transformar o aluno numa espécie de banco de dados, onde sua inteligência venha a ser um banco de informações, datas, leis, fórmulas. Mas não é esse o trabalho da escola.

Correio — E qual é o trabalho da escola?

Aquino — O trabalho da escola é fomentar a curiosidade, a indagação do aluno, com reflexão, com questionamento. Não é difundir informações, transmitir informações. A gente tem que distinguir o que é informação e o que é conhecimento. Não tem como se colar conhecimento. Na verdade o currículo escolar é isso, desenvolver o conhecimento. Não é um conjunto de dados para que você se aproprie daquilo, como se isso fosse possível, para responder um vestibular. Isso é meio burro.

Correio — Como se desenvolve o conhecimento, então, além de repassar informações?

Aquino — Você tem que reinventar a história do conhecimento humano dentro do aluno nos 11 anos que ele está na escola. Uma criança de 7

Marcos Fernandes/SP



Para o professor Júlio, a avaliação tradicional não mede a capacidade de reflexão dos alunos: prova só atesta a capacidade de memorização do estudante

anos pensa a matemática, a língua como um pré-grego fazia. A nossa história é cumulativa. Você precisa transformar os seres humanos de pré-gregos, antes da escola, em seres do século XX. Isso é parte da cidadania. Você não tem como ser cidadão se não for contemporâneo a seu tempo. Esse é o papel escolar fundamental. Recriar, reconquistar a história da humanidade. Não se transmite, mas se recria essa história em cada um de seus alunos, porque isso lhes é de direito.

Correio — Quando o aluno cola ele está fazendo isso porque não capta o valor que aquelas informações que estão sendo cobradas têm na vida dele?

Aquino — Por isso que eu digo que é um direito legítimo. O equívoco está em solicitar dele uma informação dessa ordem. Porque quando se solicita dele reflexão ele não tem como colar. Agora você precisa ter ensinado reflexão para poder cobrar isso dele.

Correio — Como deve ser então a escola que não levaria o aluno a colar?

Aquino — Fundamentalmente uma escola reflexiva. É a única escola possível. Porque essa escola que tem como objetivo difundir o máximo de conteúdos possível para que habilite o sujeito a prestar vestibular, isso não é uma escola. Isso é um centro de difusão de informação e, na verdade, a mídia pode fazer isso muito melhor que a escola. Na escola a gente não ensina o que as coisas dizem, a gente ensina o que elas querem dizer.

Correio — Assim se desenvolve então a capacidade de análise?

Aquino — Claro. Porque se ele não tiver esse poder de discernimento ele vira um *news victim* (vítima da

notícia). Ele reproduz a notícia, ele sabe o que está acontecendo, mas daí a pouco ele esquece, porque aquilo não tem ancoragem na estrutura cognitiva dele. Fica uma coisa idiota mesmo, que é hoje o grande mal do mundo contemporâneo, da inteligência contemporânea. O homem contemporâneo é informado mas é estúpido. Ele não sabe o que as coisas querem dizer.

Correio — Como se avalia o aluno para que ele desenvolva a reflexão?

Aquino — Eu só tomo a avaliação como um problema quando já se parte de um equívoco. É como eu falei, o problema não é a cola. É a avaliação que se propõe que acabou gerando a cola. Ela revela um esquema de avaliação furado. É muito difícil você encontrar um processo de avaliação que não seja punitivo, e precisamos abandonar isso, encerrar estas práticas avaliatórias punitivas. O que o aluno nos devolve é o que lhe foi oferecido. O aluno é meio que a cara do que a gente está fazendo.

Correio — Mas como saber se o aluno aprendeu ou não?

Aquino — A avaliação pode até ser informal. Nós temos uma avaliação cotidiana do nosso trabalho. Você sabe quando a coisa está vingando ou não está. Você sai de uma aula sabendo se aquela aula deu certo ou não, se atingiu seus objetivos ou não. O problema é que eu acabo jogando em cima do aluno os resultados quando eu isolo a avaliação nele. Na verdade quem está sendo avaliado em qualquer tipo de avaliação não é o aluno. É o professor, o trabalho dele. Então acho que a gente devia se preocupar menos com a avaliação do aluno, e mais com a análise do processo.

Correio — Que tipo de aluno

o vestibular leva à universidade? É realmente o aluno mais preparado?

Aquino — O produto dos vestibulares é, inclusive, o meu aluno. Mesmo na Universidade de São Paulo, que é considerada uma das melhores do país. Eu dou aula para todas as carreiras de licenciatura. E eu estou cansado de dar aula para um aluno que não sabe de fato ler um texto. Na verdade, essa cultura do vestibular informativo acabou estruturando um 2º grau também informativo e, por extensão, uma faculdade informativa. Os meus alunos das carreiras de exatas — matemática e física — não tem hábito algum de leitura. Têm uma especialização enorme, apropriada caso eles fossem fazer pesquisa pura, mas o grande contingente termina como professor.

Correio — Que tipo de professor sai desta faculdade informativa?

Aquino — Ele tem uma formação específica muito boa, mas se sair do campo estrito dele tem uma dificuldade imensa. Quando ele vai ser professor precisa, obrigatoriamente, se relacionar com outros campos. Até porque um professor de matemática não é um matemático. Ele é um professor, antes de qualquer coisa. E aí é que a porcaria torce o rabo. Essa especialização tamanha acabou criando um samba de uma nota só. A gente perdeu a ética na relação professor-aluno, a visibilidade da importância do nosso trabalho.

Correio — O que faz um bom professor?

Aquino — Ética, generosidade e competência. Não só a competência teórica, como estes especialistas de que eu falei. O professor especialista responde bem a uma di-

mensão do trabalho docente, que é a teórica. Ou os conteúdos. Competência para mim comprehende um triângulo. Uma das partes é o domínio dos conteúdos. Outra dimensão é a técnica, o domínio metodológico, o domínio de palco. Mas, fundamentalmente, você precisa ter ética na relação professor-aluno. A ética é fundamental, ela ancora as outras duas, dá a contextualização.

Correio — O que é ética nesse caso?

Aquino — É trabalhar no sentido de incluir o outro no cenário. O que significa isso: o grande problema da educação brasileira hoje é a exclusão. De cada 100 crianças que entram na escola, 70 ficam no meio do caminho dos 8 anos de escolaridade mínima obrigatória. E essa escola é um direito dela, está lá na Constituição. Um professor pode ser ótimo na teoria, na técnica, mas se não for ético ele acaba excluindo a criança. A imersão na história do conhecimento acumulado é a base da cidadania. É meio duro dizer isso, mas alguém sem escolaridade é meio cidadão, é meia pessoa. Não se pode dizer que alguém sem estudo é tão cidadão quanto alguém que estudou.

Correio — Por quê?

Aquino — Porque a educação produz uma expectativa de vida diferente. Uma pessoa sem escola vive sempre na margem da fatalidade. Ele acha que aquilo que a vida traz para ele é a fatalidade. Alguém que estudou não vai pensar assim. Por isso que até hoje as pessoas morrem de cólera. Elas não sabem como uma bactéria é transmitida. Isso se aprende na escola. Precisamos incluir essa pessoa, fazê-la cidadão. Não há cidadania sem escola.